

-3 MAR 1997

SEGUNDA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1997

Economia Brasil Nada de novo na economia. Ótimo

Do final do ano passado até recentemente, dois tipos de prognósticos muito disseminados entre analistas vinham perturbando os horizontes do mercado financeiro e pressionando as autoridades econômicas. O desempenho negativo da balança comercial gerava a expectativa da necessidade de uma substancial desvalorização cambial, e o ritmo da atividade econômica interna fazia supor que o governo teria que implementar uma freada, através de forte alta nos juros, invertendo a tendência de taxas de juros gradualmente declinantes.

Num ambiente com tais especulações, é necessário, antes de mais nada, como diz o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, manter a cabeça fria. E, ao longo do período, a equipe econômica sem dúvida conseguiu esse intento, apostando na tática de aguardar o desenrolar dos acontecimentos para tomar qualquer decisão a respeito de mudanças na linha que vinha sendo seguida.

Não sabemos se foi uma tática arriscada, pois ela exige que o desempenho da economia e a atividade dos negócios seja acompanhada muito de perto, o que, no Brasil, é difícil, dada a lentidão na captação e análise das tendências de mercado. De qualquer forma, algum sistema de monitoramento mais ágil deve ter sido montado, pois os fatos começam a mostrar que aquela atitude de serenidade não era infundada nem temerária.

Em primeiro lugar, conforme já comentamos

na última sexta-feira, o próprio Ministério da Fazenda revelou que o déficit comercial, acumulado desde 1º de janeiro até a última semana de fevereiro, foi de US\$ 1,6 bilhão, bem menor do que as previsões feitas pelo mercado, de US\$ 2,5 bilhões. Certamente, mesmo os alarmistas do final do ano já haviam percebido isso, pois a expectativa de desvalorização cambial anda bastante reduzida, em razão também da mudança que o Banco Central fez recentemente

O início do ano desfaz temores de mudanças no câmbio e nos juros

na chamada “banda” cambial.

Agora, é a Fiesp que nos informa que a indústria paulista cresceu apenas 0,3% em janeiro, o que não revela nenhuma explosão de demanda e, como diz o diretor de Economia da entidade, Boris Tabacof, “não há razão para voltar ao que aconteceu no início do Plano Real”. Naquela ocasião, sim, a queda da inflação gerou uma expansão anormal do consumo, que acabou exigindo medidas contracionistas, agravadas ainda pelo sobressalto financeiro resultante da crise do México.

Os sinais, na verdade, são de que a atividade econômica está retornando a níveis normais; depois da queda acentuada que houve no primeiro semestre do ano passado. O Indicador de Nível de Atividade (INA) da Fiesp mostra uma alta de 12,4% em comparação com janeiro de 1996,

aparentemente um crescimento explosivo da indústria. Mas a base de partida é que estava anormalmente deprimida. Os dados que o IBGE também divulgou mostram que no primeiro semestre do ano passado houve uma contração de 4,6% na produção industrial brasileira, seguida de uma expansão de 7,5% no segundo semestre. Mas o balanço final foi que a produção industrial cresceu apenas 1,4% em 1996, sobre o ano anterior. Estamos, portanto, numa fase de ajuste em que o crescimento industrial poderia até ser maior sem que se configurasse uma situação de anormalidade.

O diagnóstico presente é que a atividade industrial encontra-se em momento de estabilidade, de equilíbrio, avalizado pelas opiniões colhidas durante reunião do Conselho Superior de Economia da Fiesp, de que também durante o mês de fevereiro apenas dois setores industriais tiveram crescimento de vendas. Os restantes ou se mantiveram estáveis ou acusaram queda.

Acreditamos, portanto, que a estratégia adotada pelas autoridades, de se manterem atentas aos fatos, mas evitando qualquer medida precipitada nas áreas cambial e de juros, continua sendo a mais adequada à atual conjuntura, inclusive porque reforça também o objetivo de desarmar os espíritos mais ansiosos e de construir um ambiente de maior confiança e tranquilidade no andamento da política econômica. A eliminação da velha “vertigem do perigo” pode ainda vir a ser a maior conquista do Real.